

## A ANÁLISE URBANA NA OBRA DE MILTON SANTOS<sup>1</sup>

*Maria Encarnação Beltrão SPOSITO<sup>2</sup>*

Esse texto tem como objetivo apresentar um painel de parte da obra de Milton Santos<sup>3</sup>. Sua extensão não nos permitiria uma análise de todo seu conjunto, pois para diferentes especializações do conhecimento no interior da Geografia esse autor apresentou contribuições significativas, além daquelas mais profundas de natureza teórico-metodológica, e outras cujo caráter amplo e inovador permite um diálogo profícuo entre esse intelectual e outros que constroem seu pensamento a partir de outras matrizes disciplinares. Isto posto, esse texto será estruturado a partir de dois recortes.

O primeiro define a parte da obra que será objeto de nossa discussão, qual seja o conjunto das publicações voltadas à compreensão das dinâmicas e processos que se relacionam à análise urbana.

O segundo recorte decorre de nosso interesse em verticalizar essa análise, o que poderia ser feito a partir de diferentes relações, enfoques e abordagens. Tomaremos como referência a forma como esse autor enfoca a urbanização e as cidades, a partir das articulações entre a cidade e o urbano, o global e o local, para a compreensão da cidade como lugar ou como lugares.

---

<sup>1</sup> De forma preliminar, parte das idéias que apresentamos nesse texto foram expostas na Mesa Redonda "A cidade, o urbano e o lugar", que se realizou sob a coordenação do Prof. Paul Claval, durante o Evento Internacional "O mundo do cidadão - Um cidadão do mundo", ocorrido na Universidade de São Paulo, em homenagem ao Prof. Milton Santos (outubro de 1996, São Paulo, SP).

<sup>2</sup> Geógrafa, Professora do Departamento de Geografia e membro do grupo de pesquisa "Produção do espaço e redefinições regionais" - GAsPERR da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista - UNESP, Campus de Presidente Prudente - Estado de São Paulo.

<sup>3</sup> O Professor Doutor Milton Almeida dos Santos aposentou-se como professor titular do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo - USP. Continua a participar ativamente da vida universitária brasileira, quer através de seu papel como docente e orientador na Pós-Graduação em Geografia dessa mesma unidade universitária, quer através de sua produção científica publicada com regularidade, quer através de suas conferências em diferentes eventos científicos nacionais e internacionais. Foi professor em outras universidades brasileiras, bem como na França, Estados Unidos, Canadá, Peru, Venezuela e Tanzânia.

O texto será estruturado, considerando-se seqüencialmente esses dois recortes, com a intenção de que o primeiro possa se constituir como um painel, a partir do qual o segundo se desenvolva. Inicialmente, apresentaremos as publicações do autor, tomando-se como ponto de partida uma periodização de sua produção científica, com vistas à sua caracterização. Em seguida, com base na sua produção mais recente, a abordagem proposta será objeto de tratamento mais direto.

Devemos, contudo, frisar que analisar as articulações, contradições e relações entre urbanização e cidades, a partir das publicações de Milton Santos, abre um amplo arco de abordagens, uma série de conexões possíveis, e sobretudo, múltiplas potencialidades para a reflexão teórico-metodológica. Assim sendo, sem chegarmos a uma análise exaustiva de sua bibliografia, a partir da qual o tema proposto poderia ser focado, apresentaremos alguns eixos de abordagem, os quais consideramos os mais instigantes, para o debate proposto.

### 1. Os textos produzidos

A análise da obra de um autor poderia ser feita por diferentes caminhos. Estudar os programas de ensino produzidos e praticados por um professor, avaliar suas orientações científicas, consubstanciadas em dissertações, teses e outros trabalhos científicos defendidos, ou mesmo acompanhar a seqüência de suas palestras, conferências e participações em mesas redondas e outras formas de debate de idéias, são caminhos plausíveis e interessantes para essa análise<sup>4</sup>. Optamos pela observação de suas publicações, pois os textos talvez sejam, ainda, a forma mais completa e universal de divulgação e debate de idéias.

A seqüência dessas publicações permite-nos verificar uma relativa identidade entre as mesmas, tomando-se como referência três períodos, os quais não devem ser considerados rigidamente, mas apenas como balizas que podem facilitar a apreensão do conjunto dessas publicações, a partir de contextos profissionais e de amadurecimento intelectual diferentes.

Entre 1948 e 1963, o que poderíamos considerar como uma primeira fase da produção científica de Milton Santos, foram publicados

<sup>4</sup> Para conhecer o conjunto da obra de Milton Santos, incluso suas publicações, ver seu curriculum vitae publicado ao final dos seguintes livros: Souza (1996) e Carlos (1996). Os referidos livros têm sua citação bibliográfica completa no final deste texto.

dez livros, dentre os quais quatro têm como objeto imediato de trabalho temáticas que interessam ao campo da Geografia Urbana. Além desses, mais uma quinzena de textos foram publicados relacionados ao mesmo campo de conhecimento, como artigos em revistas científicas brasileiras e francesas ou como textos que compuseram outras edições.

Essas publicações foram marcadas por uma capacidade analítica já muito abrangente para um jovem intelectual, pois o fato urbano foi enfocado em duas escalas, a da cidade e aquela da rede urbana.

A escala do espaço interno das cidades foi a mais relevante, por exemplo, no livro "O centro da cidade de Salvador" (1959); mas também apareceu em textos como: - "Ubaitaba, estudo de geografia urbana" (1954), - "Uma definição da cidade de Salvador" (1958), - "*Quelques problèmes géographiques du centre de la ville de Salvador*" (1959), - "Uma definição da cidade de Salvador" (1960), - "O porto e a cidade de Salvador" (1963)<sup>5</sup>, dentre outros.

Enfocando a cidade em suas relações com espaços mais amplos, algumas publicações podem ser destacadas: - "A cidade de Jequié e sua região" (1957), - "A cidade como centro de região" (1959), - "A rede urbana do Recôncavo" (1959).

A observação dos títulos citados já permite dimensionar a intensidade e a diversidade da produção científica, mesmo se enfocando apenas a parcela que interessa à análise urbana. Além da produção de textos voltadas a duas escalas de abordagem, consideramos três outras marcas significativas nessa fase do trabalho de Milton Santos.

A preocupação em contribuir para o estudo de cidades ou regiões do estado da Bahia, onde nasceu e iniciou sua vida acadêmica, já revelava um compromisso social com a compreensão de seu espaço e de seu tempo.

Além das pesquisas interessando mais diretamente à escala interna da cidade ou aquelas voltadas ao estudo de escalas mais amplas, é de se observar, como uma marca desse período de sua produção científica, a preocupação em articular esses dois níveis de abordagem, de forma a contribuir para uma focalização mais integrada das diferentes escalas do fato urbano. Para ilustrar esse aspecto, destacamos o texto: - "O papel metropolitano da cidade de Salvador" (1956).

Mas, talvez, seja a última marca a ser citada, como relevante para caracterizar essa fase da produção do autor, a que maior destaque mereça, pela sua importância, e porque já evidenciava o que seria a principal

<sup>5</sup> As referências completas dessas e de outras publicações estão na íntegra, no final desse artigo.

característica de seus trabalhos de geografia urbana da fase seguinte. Referimo-nos à sua iniciativa de produzir uma leitura do fato urbano, em países subdesenvolvidos, capaz de incorporar à análise as especificidades dessa realidade. Ao invés de apenas importar as matrizes teóricas e metodológicas já consagradas nos “países centrais”, Milton Santos começava a contribuir para a consolidação de uma leitura geográfica do Terceiro Mundo. Para nós, o texto precursor dessa tendência, foi o artigo “*Quelques problèmes des grandes villes dans les pays sous-développés*” (1961).

O período em que Milton Santos residiu e trabalhou fora do Brasil pode ser considerado como uma segunda fase de sua produção científica. Entre 1964 e 1977, publicou nove livros (Brasil, França, Espanha e Canadá), dos quais seis deles contribuíram de forma singular para a análise urbana. Mais de quarenta outras publicações de textos e versões desses textos para outras línguas representam a contribuição do autor, nessa fase, para a compreensão do fato urbano.

Seu interesse em compreender a realidade dos países subdesenvolvidos consolidou-se nesse período. O distanciamento do Brasil, a possibilidade de trabalhar em diferentes países e o compromisso com a construção de uma Geografia, a partir do Terceiro Mundo, permitiram que a preocupação, que já se evidenciava na fase anterior, ganhasse agora uma dimensão maior.

O livro, que interessando à análise urbana, marcou o início desse período de sua produção científica foi “A cidade nos países subdesenvolvidos” (1965). O autor passou a contribuir para uma compreensão do processo de estruturação interna das cidades e das relações dessas cidades com outros espaços, em países subdesenvolvidos, não mais, apenas, tomando como referência a realidade brasileira.

Outros livros indicam o interesse de Milton Santos em contribuir para essa compreensão: - “*Aspects de la géographie et de l'économie urbaine des pays sous-développés*” (1969), - “*Dix essais sur les villes des pays sous-développés*” (1970), - “*Geografía y economía en los países subdesarrollados*” (1973). Na mesma direção foram escritos os textos: - “*Le rôle des capitales dans la modernisation des pays sous-développés*” (1966), - “*Les modèles d'élaboration des réseaux urbains dans les pays sous-développés*” (1968), - “*Las ciudades incompletas de los países subdesarrollados*” (1972), - “*Urban crisis or Epiphenomenon?*” (1973), - “*Economic development and urbanization in underdeveloped countries:*

*the two-flow systems of the urban economy and their spatial implications*” (1973).

Mesmo em textos, cujo traço principal foi a reflexão teórico-metodológica no campo da Geografia, Milton Santos dedicou parte do livro à discussão da dimensão urbana da realidade, como em “*Le métier du géographe en pays sous-développés*” (1971).

O autor contribuiu de forma significativa para a produção de um arcabouço teórico-metodológico capaz de permitir uma leitura universal dos processos e dinâmicas que caracterizam a produção e estruturação das cidades e das redes urbanas em países subdesenvolvidos, mas apresentou, também, análises que interessaram, particularmente, à compreensão desses processos e dinâmicas nas cidades de Lima, Guadalajara, Brasília, Salvador e em países como a Costa do Marfim, Brasil, Argélia, Madagascar e Venezuela.

A ênfase de análise das relações entre economia e estruturação dos espaços urbanos também deve ser destacada como uma das marcas da produção do autor nessa fase. A publicação que sintetiza de forma exemplar essa tendência é “*L'espace partagé*” (1975).

Nessa obra o autor apresenta de forma completa sua teoria dos dois circuitos da economia urbana em países subdesenvolvidos, teoria essa que já se delineava em textos anteriores como: “*Matériaux pour l'étude de l'emploi urbain dans le pays sous-développés*” (1968), “*L'économie pauvre des villes des pays sous-développés*” (1971), “*Los dos circuitos de la economía urbana de los países subdesarrollados*” (1972).

O retorno ao Brasil ao final dos anos 70 pode ser tomado como referência para a demarcação de uma terceira fase, em que as preocupações teórico-metodológicas ganharam uma dimensão ainda maior. O autor contribuiu de forma significativa não apenas para a compreensão da realidade contemporânea, mas, sobretudo, para a construção de uma teoria do espaço. Nesse período sua produção alçou-lhe à freqüente interlocução com os cientistas sociais e intelectuais de outros campos de conhecimento, contribuindo para o debate de novos paradigmas. O peso teórico, e sob certos aspectos epistemológico de suas publicações revela-se não apenas pelo que já destacamos, mas também pelo grande número de textos produzidos e pela amplitude das temáticas e reflexões neles presentes.

Inúmeros livros e artigos foram publicados nesse período. Embora a análise urbana não tenha sido tomada como objeto central de reflexão, uma obra de referência pode ser destacada para marcar o início dessa nova

fase: "Por uma Geografia nova"<sup>6</sup> (1978). As bases teóricas, que marcaram esse período, estão explicitadas nesse livro, de tal sorte que conceitos, que foram retomados em outras publicações e, por vezes, discutidos *vis-à-vis* à questão urbana, foram nesse texto originalmente trabalhados.

A opção pela produção de uma teoria do espaço não significou, no entanto, que a análise urbana, quer na escala do processo de urbanização, quer na escala do espaço urbano, não tenha merecido atenção. Muitas publicações foram dedicadas a essa análise: "A urbanização desigual" (1980), "Manual de Geografia Urbana" (1981)<sup>7</sup>, "Ensaio sobre a urbanização latino-americana" (1982), "Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo" (1990), "A urbanização brasileira" (1993), "Por uma economia política da cidade" (1994)<sup>8</sup>. Além dessas publicações sob a forma de livros, outras tratam diretamente da temática: uma dezena de textos foram publicados em obras coletivas, e mais três dezenas foram produzidos como artigos ou divulgados em publicações de eventos científicos, dentre os quais podemos destacar: "*Modernité, milieu tecnico-scientifique et urbanisation au Brésil*" (1991), "*São Paulo: un centre à la périphérie*" (1992), "Tendências da urbanização brasileira no fim do século XX" (1994), "*La città del Terzo Mondo*" (1994).

<sup>6</sup> Não fosse pelo próprio teor da discussão presente nesse livro, ele pode ser lembrado pelo fato de que ter sido gestado a partir das discussões que autor manteve com seus alunos das Universidades de Dar-es-Salaam (Tanzânia), Central (Venezuela) e Columbia (Estados Unidos), entre 1974 e 1977, anos anteriores ao seu retorno ao Brasil.

<sup>7</sup> Tomando-se como referência o processo de aprofundamento teórico-metodológico, esse livro poderia ser considerado extemporâneo, pois apresenta uma abordagem do fato urbano mais identificada com os enfoques expressos nos textos do autor publicados nos anos 60. A preocupação em produzir uma leitura das cidades dos países subdesenvolvidos dá a tônica desse texto, retomando, sob muitos pontos de vista, o que foi apresentado em "A cidade nos países subdesenvolvidos" (1965). A condição de se constituir um manual, se por um lado permite o acesso a uma ampla caracterização da dinâmica da urbanização e da estruturação das cidades nesses países, não permitiu, por outro lado, a apresentação de uma reflexão de caráter teórico, traço esse que consideramos o mais marcante do período em análise.

<sup>8</sup> Outros livros desse período, os quais não foram dedicados especificamente à análise urbana, apresentam uma contribuição a essa leitura: "Pobreza urbana" (1978), "Economia espacial: críticas e alternativas" (1978), "O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo" (1978), "Espaço e sociedade" (1979), "Espaço e método" (1985), "Metamorfoses do espaço habitado" (1988), "Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional" (1994).

O peso da discussão teórica que marca essa fase pode ser avaliado, ainda, pelo grande número de conceitos elaborados e/ou rediscutidos pelo autor. As determinações decorrentes da intensificação das relações entre a ordem mundial e a ordem local, expressas também nas diferentes escalas das formações socioespaciais, fazem com que grande parte desse debate tome a dimensão urbana da realidade contemporânea como central, e nessa medida interessam diretamente à compreensão das relações entre o processo de urbanização e as cidades.

Destacamos a importância da discussão e reflexão acerca dos conceitos de: fixos e fluxos, horizontalidades e verticalidades, consumo produtivo e consumo consuntivo, espaço banal e espaço racional, rugosidade, meio técnico-científico-informacional e meio tecnogeográfico, objeto geográfico, tecnosfera e psicosfera, sistemas de ações e sistemas de objetos.

Se tomamos a publicação do livro "Por uma Geografia nova" como referência que marca o início de uma fase dedicada à reflexão teórico-epistemológica e à elaboração e amadurecimento de conceitos, é necessário indicar uma outra, que se constitui como síntese dessa reflexão, qual seja "A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção" (1996). Nesse livro o autor elabora, de forma aprofundada, a discussão de muitos dos conceitos apresentados em outros textos, e contribui de forma singular para a compreensão dos nexos entre processos e formas produzidas, de tal sorte que a análise urbana nele pode se apoiar, se não a restringimos à compreensão de dinâmicas citadinas.

Para que o leitor possa apreender o escopo dessa publicação, as palavras do próprio autor são oportunas:

*"Nosso desejo explícito é a produção de um sistema de idéias que seja, ao mesmo tempo, um ponto de partida para a apresentação de um sistema descritivo e de um sistema interpretativo da geografia."* (Santos, 1996, p. 16)

Essa breve análise do conjunto das publicações de Milton Santos pode, como já advertimos, constituir-se como um painel, a partir do qual apresentaremos as elaborações que se seguem, sobretudo, tomando como referência sua produção mais recente.

## 2. A cidade e o urbano

A relação e, por outro lado, a distinção entre cidade e urbano<sup>9</sup>, constitui-se como fio condutor para a análise do processo de urbanização, visto que essa discussão enseja a necessidade de compreensão da cidade no mundo contemporâneo, a partir de novas relações entre tempo e espaço, dadas pela reciprocidade atual entre essas duas dimensões da existência social.

A compreensão das mudanças espaço-temporais é fundamental e possível, pois:

*"As divisões sucessivas de trabalho ensejam uma determinada disposição dos objetos geográficos, dando-lhes a cada momento, um valor novo.*

*"Toda análise urbana, para ser válida, deve apoiar-se em categorias que levem em conta, ao mesmo tempo, a generalidade das situações e a especificidade do caso que se deseja abordar. Julgamos que um instrumento adequado pode ser obtido através, de um lado, do estudo das funções urbanas e sua redistribuição, em um dado momento, como resultado da divisão social do trabalho e da divisão territorial do trabalho e, de outro lado, do reconhecimento das condições preexistentes, que incluem o espaço construído.*

*"As condições preexistentes, heranças de situações passadas, são formas, isto é resultam de divisões do trabalho pretéritas. As novas divisões do trabalho vão, sucessivamente redistribuindo funções de toda ordem sobre o território, mudando as combinações que caracterizam cada lugar e exigindo um novo arranjo espacial." (Santos, 1994a, p. 125-126) (grifo nosso).*

Pelo menos, duas idéias podem ser aqui desenvolvidas, tomando como referência a citação acima e o conjunto da obra de Milton Santos.

<sup>9</sup> Para Milton Santos é fundamental o estabelecimento da distinção entre o urbano e a cidade: "O urbano é frequentemente o abstrato, o geral, o externo. A cidade é o particular, o concreto, o interno. Não há que confundir. Por isso, na realidade, há histórias do urbano e histórias da cidade. (...) O conjunto das duas histórias nos daria a teoria da urbanização, a teoria da cidade, a história das ideologias urbanas, a história das mentalidades urbanas, a história das teorias" (Santos, 1994, p. 69-70).

Em primeiro lugar, destacamos a preocupação com a necessidade de apreensão das *generalidades* e das *especificidades* como uma idéia recorrente e central.

Em segundo lugar, a idéia do espaço construído como expressão de heranças passadas combinadas às exigências contemporâneas coloca em discussão a *forma* e o *tempo*.

Ao discutir as relações entre a forma e o tempo, Milton Santos aponta para a necessidade de retomarmos a preocupação, que a geografia urbana já teve, com a história da cidade, e portanto, com o urbanismo. Para ele, a elaboração da história urbana trabalha com as idéias de forma e tempo, idéias essas importantes, visto que:

*"Nos conjuntos que o presente nos oferece, a configuração territorial, apresentada ou não em forma de paisagem, é a soma de pedaços de realizações atuais e de realizações do passado" (Santos, 1994b, p. 69).*

A partir dessa perspectiva, a questão levantada é, segundo o autor, a do problema metodológico que se nos coloca, o de "...empiricizar e precisar o tempo...", se queremos relacioná-lo às formas, essas sim, mais passíveis de uma apreensão empírica.

Assim, a distinção entre cidade e urbano, não apenas é necessária, como contribui para a reflexão acerca desse problema metodológico. O autor frisa que, enquanto o urbano é mais abstrato, a cidade é concreta. Se o urbano é geral, designa os papéis desempenhados pela cidade e na cidade a partir da divisão de trabalho. Se a cidade é particular, a sua compreensão passa pela história de seus usos de solo, de sua circulação. Apenas o conjunto das histórias do urbano e das histórias da cidade levam à teoria da urbanização. A generalidade das situações expressa-se através das histórias do urbano e as especificidades dos casos, aparecem através das histórias da cidade, combinando em diferentes escalas o tempo e as formas (Santos, 1994b).

Dessa maneira, a compreensão da condição de espaço-tempo da cidade, permite ir além das formas produzidas, pois o autor destaca que:

*"A história de uma dada cidade se produz através do urbano que ela incorpora ou deixa de incorporar..." (Santos, 1994b, p. 71).*

Ou seja, não há possibilidade de compreensão da cidade, sem sua inserção no processo de urbanização, e esse processo por sua vez não apenas se desenvolve em função de amplas transformações de múltiplas dimensões, mas também em função da forma como os espaços urbanos

estão organizados nas cidades e como expressam em suas formas o tempo em suas diferentes escalas.

Discutindo a articulação entre urbanização e cidade, o autor qualifica esta em sua relação com o processo mais amplo, ao afirmar:

*"A cidade é um grande meio de produção material e imaterial, lugar de consumo, nó de comunicação. Por isso o entendimento do processo global de produção não se contenta com a mera economia política, nem se basta com a Economia Política da Urbanização, exigindo uma Economia Política da Cidade." (Santos, 1994a, p. 118).*

Assim, para ele, é através das conexões entre a Economia Política da Urbanização e a Economia Política da Cidade, que podemos perceber as conexões entre o local e o mundial, e realizarmos a apreensão simultânea da especificidade e das generalidades a que estão submetidas nossa sociedade, mais do que nunca no momento atual.

O autor destaca que enquanto a primeira permite a consideração da divisão social e territorial do trabalho, na escala da superfície de um país, a segunda permite a compreensão da forma como a cidade se organiza em cada momento, tanto em função da produção como dos diferentes atores da vida urbana.

Assim compreendida, a Economia Política da Urbanização não é suficiente em um momento histórico em que é fundamental a compreensão do processo global de produção, enquanto uma Economia Política da Cidade permite captar as especificidades do lugar e suas determinações mais amplas, através da concretude da cidade, e das formas como seus espaços se organizam (Santos, 1994a, p. 118 e seguintes).

A construção de uma metodologia para a análise urbana pressupõe, portanto, a leitura dessas conexões. A compreensão de uma escala da dimensão urbana da realidade contemporânea - a do processo da urbanização - não pode se realizar sem a consideração de outra escala - a das cidades - nas quais a materialização do processo permite a apreensão das especificidades e a verificação das generalidades. Da mesma forma as singularidades da dinâmica de estruturação do espaço urbano de cada cidade não podem ser trabalhadas, metodologicamente, se as articulações com os níveis mais amplos de determinações não forem consideradas.

### 3. O local e o global

Através da cidade, podemos apreender mais diretamente a relação entre o global e o local.

Milton Santos chama atenção para o fato de que é na cidade que a noção de sociedade global ganha concretude, porque aí o mundo se move mais rapidamente.

É justamente nas cidades onde se expressam, de forma mais nítida, os contornos da globalização. É nelas, e sobretudo nas maiores, onde se evidenciam dimensões globais e locais de espaço e tempo:

*"Há, hoje, um relógio mundial, fruto do progresso técnico mas o Tempo Mundo é abstrato.*

*"Temos, sem dúvida, um tempo universal, tempo despótico, instrumento de medida hegemônico que comanda o tempo dos outros. Esse tempo despótico é responsável por temporalidades hierárquicas, conflitantes, mas convergentes. Nesse sentido todos os tempos são globais, mas não há um tempo mundial.*

*"O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais mas não há um espaço mundial. Quem se globaliza, mesmo, são as pessoas e os lugares" (Santos, 1993, p.16).*

A globalização, como processo que se define nesse Período Técnico-Científico, permite que se fundam e confundam as dimensões de tempo e espaço, e esse "fenômeno" é mais expressivo nas grandes cidades, segundo o autor, onde os objetos geográficos resultam mais da racionalidade, da intencionalidade, da informatização, da aceleração das comunicações e das transformações, pois:

*"A \*mundialização multiplica o número de vetores e, na verdade, aumenta as distâncias entre instituições e entre pessoas. Ubiquidade, aldeia global, instantaneidade são, para o homem comum, apenas uma fábula. Para o homem comum, o Mundo, mundo concreto, imediato, é a Cidade, sobretudo a Metrópole.*

*(...)*

*"A cidade é o lugar em que o Mundo se move mais; e os homens também." (Santos, 1994b, p. 82-3)*

Podemos, assim, compreender a cidade como síntese, mas uma síntese contraditória entre o local e o global:

"O acontecer global dá-se seletivamente, de modo impar, ainda que sempre comandado pela totalidade, e é isso o que nos leva imperativamente à necessidade de atentar para a história concreta do hoje, da comunidade humana, sua atualidade, não importa o lugar particular onde o novo se mostre.

"A teorização depende de um esforço de generalização e um esforço de individualização. A generalização nos dá a listagem das possibilidades; a individualização nos indica como, em cada lugar, algumas dessas possibilidades se combinam" (Santos, 1988, p. 58) (grifo nosso).

A partir dessa concepção a relação entre a cidade e o urbano volta à tona, a partir de diferentes escalas, que não são apenas espaciais, mas também de tempo.

Milton Santos ressalta não apenas que a cidade expressa a articulação entre o local e global, e aqui a apreensão de diferentes escalas espaço-temporais emerge como condição para a construção de uma metodologia para a análise urbana, mas também compreende a cidade, ela própria, como:

"... ao mesmo tempo, **uma região e um lugar**, porque ela é uma totalidade, e suas partes dispõem de um movimento combinado, segundo uma lei própria, que é a lei do organismo urbano, com o qual se confunde. Na verdade, há leis que se sucedem, denotando o tempo que passa e mudando as denominações desse verdadeiro espaço-tempo que é a cidade." (Santos, 1994b, p. 71)

A questão da escala aparece, assim, a partir de, pelo menos, duas perspectivas: a das cidades de diferentes dimensões que desempenham diferentes papéis, e a partir das quais se articulam diferentes escalas espaciais (contínuas ou descontínuas); e a da relação entre o mundial e o local, que enseja a abordagem da escala como tempo, e não apenas como espaço.

O reconhecimento da importância de compreensão das articulações entre essas duas escalas de enfoque das transformações contemporâneas não significa, contudo, que o autor não considere outras escalas. Para ele a compreensão dessas articulações pressupõe a valorização de estudos regionais:

"Quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos.

"É neste contexto que o estudo regional assume importante papel nos dias atuais, com a finalidade de compreender maneiras de um mesmo modo de produção se reproduzir em distintas regiões do Globo, dadas suas especificidades. (...)

"Não basta compreender teoricamente o que se passa no mundo, temos que ter nossa atenção também voltada para as diferentes geografizações das variáveis inerentes à nova maneira de produzir. (...) Hoje, a região, o regional, a regionalização têm de ser assim entendidos" (Santos, 1988, p. 46-7).

A preocupação com a análise que exige a articulação entre diferentes escalas de abordagem está presente na produção científica de Milton Santos antes mesmo que a potencialização do processo de globalização tivesse colocado na pauta de análise das ciências sociais, de um forma geral, o interesse pela compreensão dessas conexões<sup>10</sup>.

#### 4. A cidade como lugar(es)

A cidade, como expressão material da urbanização, sintetiza sua condição de lugar, como o espaço do acontecer, e expressa o global, como ponto de articulação de uma rede que organiza os interesses das corporações.

Esses interesses viabilizam-se através da modernização que cria, sobretudo nas cidades maiores, as condições (equipamentos, normas, leis) para a ação das grandes empresas. Novamente, a relação entre o global e o local evidencia-se, pois mesmo a cidade organizando-se para atender os interesses das grandes corporações, ela se constitui enquanto espacialização que expressa a temporalização prática, ou seja o tempo de cotidiano compartilhado, e sob essa ótica a cidade é também o lugar do acontecer<sup>11</sup>:

<sup>10</sup> Na segunda metade da década de 70, o autor já chamava atenção para a importância da consideração da categoria Formação Econômica e Social para a constituição de uma teoria do espaço, de tal sorte que propunha a discussão da categoria Formação Econômica, Social e Espacial (Santos, 1977, p.82-83), distinguindo-a de Modo de Produção, mas mostrando a articulação entre esses dois níveis de leitura teórica.

<sup>11</sup> Milton Santos define o *lugar* como "... a extensão do acontecer homogêneo ou do acontecer solidário e que se caracteriza por dois gêneros de constituição: um é a própria configuração territorial; outra é a norma, a organização, os regimes de regulação. (...) É pelo lugar que revemos o mundo e ajustamos nossa interpretação.

*"O tempo do cotidiano compartilhado é um plural, o tempo dentro do tempo. Hoje isso não é apenas o fato da cidade, mas também do campo.*

*"(...) Ora, o acontecer é balizado pelo lugar, e nesse sentido é que se pode dizer que o tempo é determinado pelo espaço.*

*"(...) ...por meio do lugar e do cotidiano, o tempo e o espaço, que contêm a variedade das coisas e das ações, também incluem a multiplicidade infinita de perspectivas. Basta desconsiderar o espaço como simples materialidade, isto é o domínio da necessidade, mas como teatro obrigatório da ação, ou seja, o domínio da liberdade.*

*"A vida não é um produto da Técnica mas da Política, a ação que dá sentido à materialidade" (Santos, 1993a, p. 21).*

Esse enfoque, permite-nos ver a cidade (e o campo) como síntese contraditória entre o global e o local. O conflito se acentua, visto que há um espaço local, que é o da vida, e um espaço global, que o autor definiu como "habitado" por um processo racionalizador, cujas estratégias e ações tem origem distante, mas que chegam aos lugares através de objetos e normas.

Para esse autor, temos, então, uma ordem global e outra local. A global quer impor uma racionalidade aos lugares, que respondem ao mundo segundo sua própria racionalidade. Enquanto a primeira ordem atua através de um conjunto esparso de objetos regidos por essa racionalidade única, a segunda ordem refere-se a um conjunto de objetos contíguos, reunidos pelo território e enquanto território, o que significa que "a razão universal é organizacional, a razão local é orgânica."

Assim, a cidade pode ser vista não apenas como espaço da globalização, mas como lugar, onde há a possibilidade da humanização e da solidariedade<sup>12</sup>. A ordem global organiza-se em rede, mas o espaço

---

pois nele o recôndito, o permanente, o real triunfam, afinal, sobre o movimento, o passageiro, o imposto de fora." (Santos, 1993, p. 20). Para conhecer seus conceitos de acontecer homólogo, acontecer complementar e acontecer hierárquico ver: Santos (1994c e 1996).

<sup>12</sup> Milton Santos assim se refere ao acontecer na grande cidade atual: "A força é dos 'lentos' e não dos que detêm a velocidade clogiada por um Virílio em delírio na esteira de Valéry sonhador. Quem, na cidade, tem mobilidade - e pode percorrê-la e esquadrihá-la - acaba por ver pouco da Cidade e do Mundo. Sua comunhão com as imagens, frequentemente pré-fabricadas, é a sua perdição. Seu conforto, que não desejam perder, vem exatamente do convívio com essas imagens. Os homens 'lentos', por seu turno, para quem essas imagens são miragens, não podem, por

banal é de todos. As redes são apenas uma parte do espaço e o espaço de alguns:

*"As redes constituem uma realidade nova que, de alguma maneira, justifica a expressão verticalidade. Mas além das redes, antes das redes, apesar das redes, depois das redes, com as redes, há o espaço banal, o espaço de todos, todo o espaço, porque as redes constituem apenas uma parte do espaço e o espaço de alguns" (Santos, 1994c, p.16).*

Assim, para Milton Santos, o território, hoje, é, ao mesmo tempo, constituído por lugares contíguos e de lugares em rede, não sendo possível separar os lugares que formam as redes daqueles que formam o espaço banal.

Para o autor, é fundamental a compreensão das conexões que há entre a ordem global e ordem local:

*"A ordem global busca impor, a todo os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao Mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade.*

*"A ordem global serve-se de uma população esparsa de objetos regidos por essa lei única que os constitui em sistema. A ordem local é associada a uma população contígua de objetos, reunidos pelo território e como território, regidos pela interação.*

*(...)*

*"A ordem global e a ordem local constituem duas situações opostas, ainda que em cada uma se verifiquem aspectos da outra. A razão universal é organizacional, a razão local é orgânica. No primeiro caso, prima a informação que, aliás, é sinônimo de organização. No segundo caso, prima a comunicação" (Santos, 1996, p. 272).*

Trazendo essas reflexões para o âmbito dos espaços urbanos contemporâneos poderíamos afirmar que a cidade não é um lugar, na medida em que se constitui enquanto espaço plural, que se define por múltiplos papéis, onde o acontecer se dá em diferentes níveis e os fluxos se estabelecem em múltiplas escalas espaço-temporais.

A cidade são muitos lugares. A humanização pode se dar, porque a territorialidade produzida pelas diferentes ordens, define-se por uma contiguidade, estabelecida no espaço de vida, do acontecer, que permite a

---

muito tempo, estar em fase com esse imaginário perverso e acabam descobrindo as fabulações." (Santos, 1994, p. 84)



proximidade, que permite a solidariedade, e que prima pela possibilidade da comunicação e não apenas pela presença da informação, pois como sintetiza o próprio autor:

"... por meio do lugar e do cotidiano, o tempo e o espaço, que contêm a variedade das coisas e das ações, também incluem a multiplicidade infinita de perspectivas. Basta desconsiderar o espaço como simples materialidade, isto é o domínio da necessidade, mas como teatro obrigatório da ação, ou seja, o domínio da liberdade" (Santos, 1993a, p. 21).

#### Referências bibliográficas

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Ensaio de Geografia contemporânea - Milton Santos: obra revisitada*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. *Ubatuba: estudo de Geografia Urbana*. Salvador: Imprensa Oficial, 1954.
- \_\_\_\_\_. *O papel metropolitano da cidade de Salvador*. Salvador: Gráfica Americana, 1956.
- \_\_\_\_\_. A cidade de Jequié e sua região. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, ano XVIII, n.1, jan. mar. 1957, p. 71-112.
- \_\_\_\_\_. Uma definição da cidade de Salvador. *Revista Brasileira dos Municípios*. Rio de Janeiro, ano XI, 1958.
- \_\_\_\_\_. *A cidade como centro de região*. Salvador: Imprensa Oficial, 1959.
- \_\_\_\_\_. *A rede urbana do Recôncavo*. Salvador: Imprensa Oficial, 1959.
- \_\_\_\_\_. *O centro da cidade de Salvador*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.
- \_\_\_\_\_. Quelques problèmes géographiques du centre de la ville de Salvador. *L'Information Géographique*. Paris, n.3, 1959.
- \_\_\_\_\_. Uma definição da cidade de Salvador. *Coleção Estudos Baianos*. Salvador: Imprensa Oficial, n.1, 1960, p. 121-142.
- \_\_\_\_\_. Quelques problèmes des grandes villes dans les pays sous-développés. *Revue de Géographie de Lyon*. Lyon, vol. XXXVI, n.3, 1961, p. 197-218.
- \_\_\_\_\_. O porto e a cidade de Salvador. *Revista do 50º aniversário do Porto de Salvador*. Salvador, 1963.
- \_\_\_\_\_. Le rôle des capitales dans la modernisation des pays sous-développés. *Civilisations*. Bruxelas, vol. XVI, n.1, 1966, p. 101-108.
- \_\_\_\_\_. *A cidade nos países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

\_\_\_\_\_. *Aspects de la géographie et de l'économie urbaine des pays sous-développés*. Paris: Centre de Documentation Universitaire, 1967 (2 fasc.).

\_\_\_\_\_. *Matériaux pour l'étude de l'emploi urbain dans le pays sous-développés*. Bordeaux: Maison des Sciences de l'Homme, 1968.

\_\_\_\_\_. Les modèles d'élaboration des réseaux urbains dans les pays sous-développés. *Bulletin de la Société Géographique de Liège*. Liège, 4ème année, n.4, dec. 1968, p.11-21.

\_\_\_\_\_. *Dix essais sur les villes des pays sous-développés*. Paris: Orphys, 1970.

\_\_\_\_\_. *Le métier du géographe en pays sous-développés*. Paris: Orphys, 1971.

\_\_\_\_\_. L'économie pauvre des villes des pays sous-développés. *Les Cahiers d'Outre Mer*. Bordeaux, tome XXIV, n.94, 1971, p. 105-122.

\_\_\_\_\_. Las ciudades incompletas de los países subdesarrollados. In: *La ciudad y la región el desarrollo*. Caracas: Comisión de Administración Pública, 1972, p. 239-252.

\_\_\_\_\_. Los dos circuitos de la economía urbana de los países subdesarrollados. *La ciudad y la región para el desarrollo*. Comisión Pública de Venezuela, J.Funes ed., 1972, p.67-99.

\_\_\_\_\_. *Geografía y economía urbanas en los países subdesarrollados*. Barcelona: Oikos-tau, 1973.

\_\_\_\_\_. Urban crisis or epiphenomenon? *Proceedings of the International Population Conference*. Liège, 1973, p. 287-291.

\_\_\_\_\_. Economic development and urbanization in underdeveloped countries: the two flow systems of the urban economy and their spatial implications. *Urbanization and the development process*. New York: The Free Press, 1973.

\_\_\_\_\_. *L'espace partagé*. Paris: Editions Libraries Techniques, 1975.

\_\_\_\_\_. Lima, the periphery at the pole. In: ROSS, H., GAPPERT, G. (ed.). *The social economy of cities*. Beverly Hills: Urban Affairs Annual Review, Sage Publications, 1975. P. 335-360.

\_\_\_\_\_. Sociedade e espaço: A Formação Social como teoria e como método. *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo: AGB, n.54, 1977, p. 81-99.

\_\_\_\_\_. Society and space: Social Formation as theory and method. *Antipode*, vol.9, n.1, 1977, p. 3-13.

\_\_\_\_\_. *Por uma Geografia nova*. São Paulo: Hucitec, EDUSP, 1978.

\_\_\_\_\_. *O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo*. São Paulo: Hucitec, 1978.

- \_\_\_\_\_. *Pobreza urbana*. São Paulo: Hucitec, UFPE, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Economia espacial: críticas e alternativas*. São Paulo: São Paulo: Hucitec, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Espaço e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- \_\_\_\_\_. *A urbanização desigual*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Manual de Geografia Urbana*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre a urbanização latino-americana*. São Paulo: Hucitec, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1990.
- \_\_\_\_\_. "Modernité, milieu tecnico-scientifique et urbanisation au Brésil". In: YAMADA, Mutsuo (coord.). *Urbanization in Latin America its characteristics and issues*. Japan: The University of Tsukuba, 1991.
- \_\_\_\_\_. "São Paulo, un centre à la périphérie". In: DURAND, M.F., LÉVY, J., RATAILLÉ, D. *Le monde, espaces et systèmes*. Paris: Presses de la Fondation Nationale de Sciences Politiques et Dalloz, 1992.
- \_\_\_\_\_. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- \_\_\_\_\_. "A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo." In: SANTOS, Milton et al. *Fim do século e globalização* (Coleção O Novo Mapa do Mundo). São Paulo: Hucitec e ANPUR, 1993a.
- \_\_\_\_\_. "Tendências da urbanização brasileira no fim do século XX". In: CARLOS, A. F. (org.). *Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- \_\_\_\_\_. "La città del Terzo Mondo". In: *L'uomo sulla Terra* (vol 3 - Le città). Milão: Instituto Geográfico de Agostini, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Por uma economia política da cidade*. São Paulo, Hucitec, 1994a.
- \_\_\_\_\_. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994b.
- \_\_\_\_\_. "O retorno do território". In: SANTOS, Milton, SOUZA, M. Adélia, SILVEIRA, M. Laura. *Território. Globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, ANPUR, 1994c.
- \_\_\_\_\_. *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida de (coord.). *O mundo do cidadão, um cidadão do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.